

A NOITE DAS KYGUA VERA

ALBERTO RIBEIRO DA SILVA¹

Se nos interessa o “ser”, a exclusão da mulher reduz a história a pura inutilidade.

E. P. Thompson

RESUMO

A partir meados de 1868, a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, formada pelo Brasil, a Argentina e o Uruguai, iniciada em 1865, tomam um novo rumo. Razões reais e imaginárias fazem com que o presidente e comandante-em-chefe das forças paraguaias, Francisco Solano López, ao mesmo tempo em que desloca suas tropas para o norte do país, fugindo do lento mas constante avanço dos Aliados, transforme-se em um verdadeiro caçador de “traidores”. Com a fuga, as mulheres paraguaias vêem-se condenadas ao êxodo: de um lado, as *traidoras*, parentes de réus políticos, castigadas pelas faltas supostamente cometidas por seus familiares ou mesmo amigos e conhecidos. As que não foram fuziladas depois de terem passado todo tipo de vexames e torturas transformaram-se em *destinadas* e foram enviadas, Espadín, ao norte do país, onde se instalou um campo de concentração para elas. De outro lado, as *residentas*, parentes de soldados ou simplesmente moradoras das localidades por onde passavam as forças de López, condenadas pelas circunstâncias a seguir as tropas paraguaias em sua desesperada. É sobre a *via crucis* das *destinadas* e *residentas* paraguaias que trata esse artigo.

¹ O autor é professor da rede pública municipal de Angra dos Reis e doutorando em História Social das Idéias na Universidade Federal Fluminense.
Revista de História Regional 1(1): 1996.

I.

Às 7 horas da noite de 25 de fevereiro de 1867, reuniram-se em assembléia na Praça 14 de Mayo, no centro de Asunción, capital do Paraguai, as “filhas de Asunción [...] com o digno propósito de concertar os meios de levar a devido efeito o patriótico sentimento [...] [de] concorrer à sustentação e defesa da independência nacional ameaçada”². No entendimento dessas “filhas de Asunción”, a forma mais eficaz de contribuir para o sustento e defesa da independência nacional paraguaia, ameaçada pela guerra feita pela chamada Tríplice Aliança, entre Brasil, Argentina e Uruguai, e que já entrava em seu terceiro ano, era oferecer suas jóias e adornos pessoais para os gastos da guerra, já que, para elas, a independência era “a mais preciosa jóia, cuja conservação pertence a todos”.

Na noite anterior, outra assembléia já havia nomeado uma comissão de doze mulheres cujos objetivos eram, entre outros, representar o “belo sexo” de Asunción em tudo o que dissesse respeito a empregar todos os meios para o pronto e eficaz engajamento das mulheres dos povoados rurais.

Durante quatro noites foram realizadas assembléias de mulheres em que estiveram presentes o vice-presidente do Paraguai, Francisco Sánchez, e a maioria dos altos funcionários do governo. Simultaneamente, nos mais diversos povoados do país, setenta outras assembléias eram realizadas³. Em todas elas as oradoras pronunciavam eloqüentes discursos, que demonstravam a “refinada cultura”⁴ que tinham as mulheres paraguaias.

Embora dentre essas representantes do “belo sexo” de poucas se pudesse dizer que fossem do povo - já que em sua quase totalidade eram representantes da elite paraguaia - filhas, irmãs, mães, noivas ou esposas dos líderes políticos e militares do país -, a partir daquela noite foi concedido também às mulheres do povo, às *kygua vera*⁵, o direito à palavra e

² Acta de la Asamblea, realizada en la Plaza 14 de Mayo, a las 8 de la noche, el 24 de febrero de 1867, apud. ZARZA, Idalia Flores G. de. *La mujer paraguaya, protagonista de la historia (1537-1870)*. Asunción: El Lector, 1987. p. 159.

³ Cf. *El Semanario*, Asunción, (670), 02/03/1867.

⁴ Cf. ZARZA, op. cit., p. 163.

⁵ A expressão significa, em guarani, **pentas dourados**, referindo-se ao hábito que tinham as mulheres do povo de usar travessas douradas que ao mesmo tempo prendiam e enfeitavam suas, em geral, longas cabeleiras.

ao engajamento na campanha de doação de jóias. O jornal *El Semanario* assim se referia a elas:

subiram à plataforma e se expressaram no idioma do país em termos singelos, mas com um ardor e entusiasmo que caracterizam nossas belas mulheres. Apontaremos em primeiro lugar a paisana: Piadosa Rejala, que ao oferecer seus adornos e economias, pedia com insistência “um posto na vanguarda (são suas palavras) para combater os míseros negros de D. Pedro” [...]⁶.

A Piadosa Rejala se seguiram várias outras *kygua vera*: Constan-
cia Achar, que oferecia tudo o que possuía e a si própria em defesa da pátria; uma certa Marcelina Cabañas, argumentando que, por serem de pouco valor as jóias que possuía, não ficaria contente até ser admitida nas fileiras do exército paraguaio,

Para ir buscar os rastros do general Mitre [então comandante supremo dos Aliados na guerra], caso este quisesse fazer frente à mulher paraguaia, já que não tem valor para fazê-lo aos nossos bravos soldados, de cuja presença fugia⁷.

Em termos análogos se expressariam Del Carmen Rejala, Remigia Taboada, Eleuteria Legal, Facunda Legal, Tránsito Sánchez, Aleja Franco e várias outras mulheres do povo que o cronista não pôde registrar que, sempre no idioma nacional, o guarani, demonstravam “o entusiasmo das mulheres da última classe” pela causa paraguaia.

É importante registrar que entre os pesquisadores não são poucos os que duvidam da espontaneidade do heróico engajamento das mulheres na guerra. E não sem alguma razão, já que o período da história do Paraguai conhecido como *Primera República*⁸, é marcado pela supressão das liberdades civis, pela militarização da população civil e, particularmente durante a chamada *Guerra Grande*, pelas delações. O farmacêutico George Frederick Mastermann, que viveu no Paraguai alguns dos principais episódios da guerra, ao referir-se ao engajamento de mulheres na guerra, acreditava que seus serviços eram, evidentemente, voluntários, mas, lem-

⁶ *El Semanario*, (670), 02/03/1867.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Que abrange a ditadura de José Gaspar Rodríguez de Francia e o período dos López (1814-1869).

brava, ironicamente, “não é necessário recordar ao leitor o que isso significa no Paraguai”⁹.

É evidente que interessavam ao governo as manifestações de apoio à guerra e de patriotismo. As forças regulares se esgotavam rapidamente e era preciso garantir entre a população civil o apoio necessário para futuros recrutamentos de efetivos não convencionais: meninos e velhos, se fosse o caso, e, em caso extremo, até mulheres. Por isso, o apoio entusiástico do *El Semanario*, órgão oficioso do governo, às assembleias como a que se realizava em Asunción e, seguindo o exemplo asunceno, nas vilas e povoados do interior.

Mas, seja como for, não se pode negar o efetivo engajamento das mulheres na guerra, pelo menos oficialmente, a partir de 1867. Esse engajamento, no entanto, dar-se-ia de forma distinta para as *kygua vera* e para as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” e com conseqüências também distintas.

O importante sabermos agora é que o resultado das pressões não se fez esperar por muito tempo. Segundo Héctor Francisco Decoud, membro de uma das famílias de maior destaque nos primeiros anos do pós-guerra,

desde 1868 já não restava, nem mesmo no último dos esconderijos do Paraguai, um só homem apto para empunhar as armas que não estivesse nos acampamentos a serviço do Marechal López. Foi então que se resolveu organizar batalhões do sexo feminino em toda a república, formado por todas aquelas que estavam em condições de carregar um fuzil, começando pela capital, como estímulo para as demais.

Chamadas que foram, se alistou o número necessário para a formação do primeiro batalhão de infantaria, que foi batizado com o nome de **voluntários**, cujo corpo recebeu imediatamente a primeira instrução na praça de armas¹⁰.

O embaixador norte-americano, Charles Washburn, ratifica as afirmações de Decoud. Segundo ele, ao oferecimento das mulheres se seguiu a organização de companhias femininas. Assim que foi decidido que tipo de uniforme usariam as voluntárias, oficiais, tenentes e alferes do exército que tinham sido hospitalizados e estavam convalescendo recebe-

⁹ MASTERMAN, George Frederick M. **Seven eventful years in Paraguay: a narrative of personal experience amongst the Paraguayans**. London: S. Low, 1869. p. 198.

¹⁰ DECOUD, Héctor Francisco. **Sobre los escombros de la guerra**. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: s.ed., 1925. p. 188.

ram a tarefa de ensiná-las as evoluções militares. No entanto, a única arma na qual foram treinadas foi a lança. Armas de fogo nunca foram postas em suas mãos. As mulheres recrutadas contavam de dezesseis a quarenta anos de idade. Washburn lembra, porém, que, embora houvesse recrutadas de Asunción e de todas as diferentes *capillas* paraguaias,

não se exigiu, por alguma razão, que as mulheres da capital pertencentes à classe alta, chamadas de alta categoria, se apresentassem como voluntárias. Não houve, no entanto, tais exceções no interior, e as filhas dos cidadãos mais ricos ou respeitáveis estiveram obrigadas, como os escravos e peões, a ir às *capillas*, vestir uniforme, tomar a lança e aprender os exercícios¹¹.

A não convocação das mulheres das famílias ricas de Asunción talvez se explique pelo seu poder econômico e político, por um lado, e pelos problemas destas com o regime de López. Ao Marechal certamente não interessava acirrar - pelo menos naquele momento - esses conflitos. De qualquer modo, essa tentativa de incorporação das mulheres seria frustrada e, além do mais, novos acontecimentos contribuiriam para torná-la definitivamente inviável.

II.

Em setembro de 1867, as forças aliadas sofrem uma derrota fragorosa em Curupaití. Como resultado, a Tríplice Aliança decide destituir Mitre do comando geral das operações militares. No começo de 1868 o comando é transferido para Caxias, cuja primeira preocupação foi melhorar a estrutura de apoio às tropas: abastecimento, comunicações e estradas. Além disso, foram incorporados mais 17 mil soldados, enquanto a Marinha recebia mais seis navios, três deles couraçados.

Grande estrategista, ordenou que, imitando o movimento de uma pinça, as tropas envolvessem as fortalezas paraguaias, isolando-as e quebrando as ligações desse sistema defensivo. No mês seguinte navios brasileiros romperam com tiros de canhão as grossas correntes que impediam o tráfego no rio Paraguai e tomaram o reduto de Establecimiento. Com os couraçados dando proteção aos navios de casco de madeira, a frota começou a subir o rio, transpondo o principal ponto de defesa paraguaio, a

¹¹ WHASBURN, Charles A. **The history of Paraguay**, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties. London/Boston: Lee & Shepard, 1871, v. 1, p. 170.

fortaleza de Humaitá, no começo de agosto, abrindo caminho para Asunción.

Do lado paraguaio, Solano López, percebendo a iminência de enfrentamentos em Asunción, decretou a evacuação da capital. A estratégia não era nova. Desde o começo da guerra em território paraguaio (1866) López praticou a estratégia de despovoar todo território ocupado ou ocupável pelo invasor com o objetivo de não dar-lhe oportunidade de obter alimentos e recursos¹². O decreto, de 22 de fevereiro, estabelecia o seguinte:

Artigo 1º - A cidade de Asunción fica desde esta data declarada ponto militar.

Artigo 2º - Dentro das quarenta e oito horas de publicação do presente decreto, se evacuará totalmente a cidade, retirando-se a população aos pontos que assinalará o Departamento de Policía.

Artigo 3º - Toda pessoa que for encontrada roubando as casas desocupadas ou nas ruas, será imediatamente fuzilada.

Artigo 4º - Qualquer pessoa que for encontrada em comunicação com o inimigo sofrerá a pena capital.

Artigo 5º - Incorrerá na mesma pena todo indivíduo que tendo conhecimento do fato, não denunciar imediatamente ante o Comandante Geral de Armas, o traidor ou espião¹³.

Na mesma noite, o vice-presidente e os membros da administração civil se trasladaram para Luque, convertida em nova capital. Em pouco tempo as ruas de Asunción se transformaram num verdadeiro formigueiro humano, apinhadas de gente desesperada e desorientada, transportando, em condições as mais precárias tudo o que pudesse ser carregado com as mãos.

Enquanto isso, no interior, as forças paraguaias começavam uma peregrinação que, partindo da fortaleza de Curupaití, ao sul do país, só iria terminar em Cerro Corá, com a morte de Solano López e a rendição incondicional do que restava das esfarrapadas e famintas forças paraguaias.

Mas é preciso nos determos um pouco no chamado processo de San Fernando, entre a queda de Humaitá e o final de agosto de 1868. Na

¹²Cf. ALCALÁ, Guido Rodríguez (comp.). *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991, p. 11.

¹³ Apud CARDOZO, Efraim. Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870 publicadas en "La Tribuna" de Asunción en el centenario de la Epopeya Nacional. Tomo VIII: 1º de Enero de 1868 a 31 de Mayo de 1868. Asunción: EMASA, 1976. p. 143-144.

verdade, como veremos, em consequência deste e de uma série de outros fatores, ligados direta ou indiretamente à evacuação de Asunción coube às mulheres, tanto as *kygua vera* quanto as representantes das “distinguidas famílias asuncenas”, cada uma à sua maneira, por razões e caminhos distintos mas que se tocaram freqüentemente, uma verdadeira *via crucis* que culminaria com um país arrasado econômica e demograficamente, um país de viúvas e órfãs.

Para entendermos essa *via crucis*, é necessário acompanharmos o caos gerado pela evacuação de Asunción. Com o avanço da frota brasileira, torna-se mais forte a latente oposição de burguesia abastada contra uma guerra que já se sabia perdida. Ao mesmo tempo, a população humilde começava a perder a confiança em uma defesa vitoriosa, tornando-se suscetível aos rumores que então corriam sobre o destino do Marechal López.

Alguns desses rumores eram, sem dúvida, intencionais, disseminados pela oposição; outros eram resultado de deduções nascidas da desconfiança, do medo ou simples vingança. Mas se, por um lado, esses boatos demonstravam o pouco conhecimento sobre os movimentos militares do exército paraguaio, por outro lado revelavam o desejo da eliminação de López, sem o que o fim da guerra era praticamente impossível, por mais fiel que permanecesse a população mais humilde.

Para a burguesia não havia nenhum interesse - pelo menos nesse estágio da guerra, que se mostrava crítico - em se solidarizar com a causa nacional, que já via como perdida. Enriquecida durante o governo de Carlos Antonio López e influenciada pelas idéias dos exilados que viviam em Buenos Aires, a burguesia paraguaia tinha como modelo de desenvolvimento a “regeneração progressiva”, radicalmente oposta ao “grito de guerra” e seu consequente bloqueio comercial¹⁴. Seu objetivo era salvar a própria pele enquanto havia tempo e por isso suportaria até mesmo a possibilidade de aceitar o humilhante Tratado da Tríplice Aliança. Por outro lado, investia na esperança de que os exilados - todos mantendo algum vínculo de parentesco com essas famílias - chegassem a Asunción para assumir um novo governo com o apoio Aliado. É nesse clima que López e seus seguidores começam a desconfiar da existência de conspiração revolucionária que iria transformar substancialmente os rumos da guerra. Mesmo sem considerarmos a possibilidade de conspiração, a verdade é que a opinião pública asuncena indubitavelmente havia abandonado o

¹⁴ Cf. SUSNIK, Branislava. *Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX. Parte I^{ra}*. Asunción: Museo Etnográfico “Andres Barbero”, 1992, p. 58.

Marechal à sua própria sorte. López, por outro lado, sempre desconfiava da população civil, à qual nunca foi capaz de impor sua lei de obediência absoluta, ao estilo militar.

Segundo Juan Crisóstomo Centurión, um dos chamados “fiscais de sangue” (executores dos processos por traição), estariam envolvidas na suposta conspiração de San Fernando umas 200 pessoas, “entre elas os homens mais conspícuos de Asunción”, assim como muitos outros do interior, especialmente os que exerciam a autoridade de chefes urbanos e de juizes de paz¹⁵. Esse número sobe para 368, segundo o historiador norte-americano Harris Gaylord Warren¹⁶.

Mas o que interessa é que, seja sob tortura, seja por declaração falsa ou simulada, os “conspiradores”, culpados ou inocentes, foram julgados e condenados. A partir de então, debilitado e irremediavelmente impotente frente ao lento mas iminente envolvimento militar dos Aliados, López passou a atribuir qualquer fracasso à traição e, paranoicamente, desconfiava de qualquer indivíduo. A unidade nacional, com isso, saía extremamente debilitada, em um momento em que ela era imprescindível.

Além do mais, López transformava-se em um “peso moral” para a própria “massa popular” que até então o apoiara cegamente, situação agravada pela influência da “opinião pública”. A partir de então, cada vez mais seus seguidores o faziam por medo, equilibrando-se em uma perigosa corda bamba estendida entre a submissão e a “traição”. Passava a reinar entre a gente comum a desconfiança mútua e o medo da delação. É a partir dos *Tribunais de Sangue* - San Fernando seria apenas o começo - que as mulheres, a quem se deu brevemente o direito à voz, se vêem face a um novo desafio.

III.

Com o abandono de Asunción, havia distintas categorias de mulheres condenadas ao êxodo: de um lado estavam as *agraciadas*, mulheres cujos parentes estavam, pelo menos até àquela época, em bons termos com López; de outro, estavam as *traidoras*, parentes de réus políticos, castigadas pelas faltas cometidas por seus familiares ou mesmo por crimes de amigos ou conhecidos.

¹⁵ CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias, reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires/Asunción: s.ed., 1894(?). v. 3, p. 158.

¹⁶ Ver WARREN, Harris Gaylord. *Paraguay and the Triple Alliance*. The Postwar Decade, 1869-1878. Austin: University of Texas, 1978, p. 12.

As *traidoras* que não foram fuziladas depois de terem passado todo tipo de vexames e torturas, incluindo a violação, transformaram-se em *destinadas*, isto é, foram enviadas à localidade de Yhú, e depois a Espadín (hoje em território brasileiro), onde se instalou um campo de concentração para elas. As *agraciadas*, por sua vez, transformadas em *residentas*, foram condenadas a seguir o exército paraguaio desde o sul até o norte do país.

Embora a sorte desses dois grupos não fosse muito distinta, é importante lembrar que, salvo exceções, corresponde majoritariamente à *kygua vera* a transformação em *residentas*, que sem terem onde morar, obrigadas a abandonar sucessivas vezes suas habitações provisórias, desde os arredores de Asunción até os povoados do interior, seguem seus maridos, irmãos, pais, filhos ou algum outro parente, seus únicos referenciais após o caos em que a guerra se transformara. Do outro lado, coincidem com as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” as *destinadas*, quase sempre aparentadas - por mais distante que fosse esse parentesco - com algum “conspirador”.

Como, no entanto, não havia uma rígida barreira entre a origem de classe dessas mulheres, existindo, de fato, relacionamentos afetivos interclasses e, por outro lado, como nem todos os membros da burguesia tivessem sido considerados traidores - o que seria extremamente absurdo - e nem todos os homens do povo estivessem isentos, *a priori*, de qualquer culpa, era não pouco comum encontrar mulheres em cujas famílias pudessem ser identificados, ao mesmo tempo, “bravos patriotas” e “vis traidores”.

É o caso, entre vários registrados, de Silvia Cordal de Gill, que tinha seis anos de idade à época do abandono de Asunción. Em sua família havia *residentas* e *destinadas*, mais as últimas que as primeiras. Sua mãe, María del Carmen Gill de Cordal, foi uma *destinada*, assim como suas irmãs Dolores Dentella e Manuela Milleres, enquanto duas outras de suas irmãs, Emerenciana e María Carolina foram *residentas*, acompanhando o ministro de Governo, José Falcón para cuidarem de seus filhos.

Em seu diário, escrito já na velhice, Silvia afirma que em sua opinião sua mãe fora presa e destinada porque “naquela época o pior delito era ser gente decente e sobretudo ter fortuna”¹⁷. O relato de outra *destinada*, Encarnación Bedoya, compartilhava essa opinião:

¹⁷ VILLAMIL, Manuel Peña & QUEVEDO, Roberto (orgs.). *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987. p. 15.

O tirano matou todos os homens de distinção e por fim todos os que tinham dinheiro, que lhes confiscou porque, dizia aquele tirano, conspiraram contra ele. E as esposas desses que ele matou destinou a Yhú¹⁸.

Também George Masterman, que havia prestado serviços ao governo paraguaio e depois se viu envolvido em suspeitas sobre sua participação em uma conspiração, depõe neste sentido:

Nesse dia trouxeram várias mulheres; todas, exceto uma, me eram desconhecidos, mas era evidente que pertenciam à melhor classe da sociedade¹⁹.

Mas o caos provocado pelo “espírito de San Fernando” é maior do que simples explicações racionais. O desespero e a paranóia de um país que se consumia em batalhas que resultavam em mortes, fome e miséria criou situações absolutamente inusitadas. Quando da morte, por exemplo, de Escolástica Barrios de Gill, avó materna, a 3 de agosto de 1868, já em avançada idade, *El Semanario* publicou uma nota necrológica lamentando a “mui distinguida e respeitável Sra.”²⁰. Na mesma edição, no entanto, encontra-se outra nota sobre um membro da família: trata-se a destituição do ministro da Guerra, general Vicente Barrios, que posteriormente seria fuzilado. Vicente Barrios era irmão de Escolástica.

Na edição seguinte, *El Semanario* informa sobre a capitulação paraguaia em Humaitá. O correspondente do jornal em San Fernando assim se refere aos líderes militares paraguaios do episódio:

É preciso dizer que os Comandantes de Humaitá cujos nomes são Francisco Martínez, Remigio Cabral, Pedro Gill devem hoje e sempre ser inscritos no pelourinho infame do escárnio e da maldição eterna de todos aqueles que tenham sequer um átomo de sentimento de honra²¹.

O capitão Pedro Gill, um dos que os paraguaios deveriam inscrever nos anais do escárnio e da maldição, era filho de dona Escolástica, tio de Silvia.

Saindo de Asunción, a família de Silvia muda-se para Itauguá, próximo a Asunción, lugar de veraneio preferido das famílias abastadas da capital. De lá, muda-se novamente para Piribebuy. Silvia não explica

¹⁸ ALCALÁ, op. cit., p. 93.

¹⁹ MASTERMAN, op. cit., p. 184.

²⁰ *El Semanario*, (747), 15/08/1868.

²¹ *El Semanario*, (748), 22/08/1868.

as razões da mudança, mas certamente ela é consequência dos rumos da guerra. Próximo ao fim de 1868 López decide trocar Luque por Piribebuy (8 de dezembro) como nova capital provisória do governo civil, onde a mãe de Silvia, María del Carmen, é presa e logo depois transferida para Santa Rosa, um pequeno povoado perto de Yhú, primeiro campo de concentração das *destinadas*, deixando para trás suas três filhas, aos cuidados de uma escrava chamada Dolores. A partir de então, Silvia e suas irmãs são entregues à própria sorte:

[...] dois meses estivemos em Piribebuy já passando muita fome. Ali aprendemos a comer laranjas ácidas, depois fomos entregues a um casal já velho [...]. Já devíamos estar ali uns seis meses quando um dia a escrava nos tirou daquele ponto para livrar-nos dos inimigos - isto ela dizia - e começamos a sofrer mais e a ter mais necessidades [...]²²

No trajeto até Yhú, onde estava Carmen, morrem a filha da escrava Dolores e, logo em seguida, uma de suas irmãs, Elisa. Poucos dias depois, ainda antes de encontrarem-se com a mãe, morre a outra irmã²³. Finalmente, depois de meses de sofrimento, Silvia e dona Carmen se encontram, graças ao empenho e carinho de Dolores.

Quando Silvia e sua mãe regressam a Asunción, a cidade tinha outra fisionomia, embora nada mais pudesse despertar a emoção dessas sobreviventes. Ao começar a guerra, sua família tinha sete pessoas. Ao regressarem a Asunción, restavam apenas Silvia e sua mãe.

Sobre a peregrinação das *residentas* praticamente inexistem relatos. Talvez porque a maioria delas não soubesse ler ou escrever - o que, aliás, parece ter sido regra para as mulheres, embora se costume exaltar a inexistência de analfabetos no Paraguai de Solano López. No entanto, vale ressaltar que, para a maioria dos estudiosos, a situação de *destinada* fosse talvez menos ruim do que a de *residenta* (se é que isso era possível). Esses autores argumentam que enquanto as *destinadas* tinham um assentamento fixo, que lhes permitia cultivar a terra, as *residentas* não recebiam ração do exército e estavam condenadas a viver das sobras dos soldados, comprar alimentos no mercado negro ou ir ao *rebusque* (coletar alimentos no bosque).

Como não está em questão saber quem sofreu mais ou menos, mas que caminhos percorreram as mulheres paraguaias em direção ao

²² VILLAMIL & QUEVEDO, op. cit., p. 15-16.

²³ *Idem*, p. 17.

pós-guerra, acredito ser necessário apenas apresentar um quadro de sua peregrinação pelo território paraguaio como seguidoras de um exército cada vez menor.

Desocupada Asunción, seus habitantes foram obrigados a alojar-se como puderam nos povoados vizinhos. Esse movimento, porém, é apenas o começo da longa peregrinação. Enquanto as famílias *traidoras* são *destinadas* a Yhú, as demais são obrigadas a seguir a marcha do exército.

Mas, segundo Héctor Francisco Decoud, a peregrinação começara muito antes, com a evacuação das populações ribeirinhas do Paraná²⁴. Poucos meses depois, avisados de que uma coluna inimiga de cerca de 10 mil homens se propunha a atravessar o Paraná na altura de Encarnación e avançar até Asunción, os paraguaios tornam extensiva a evacuação de todos os povoados das Missões, assim como dos que se encontravam ao sul do rio Tebicuary, que foram estabelecer-se no seu lado norte. Em outubro de 1867, novo traslado: todos os habitantes de Ñeembucú passaram ao norte do Tebicuary.

Com o sítio de Humaitá, o chefe político local, vendo que as provisões se esgotavam, mandou transferir para a região do Chaco as cerca de 900 mulheres que ainda se encontravam no povoado. Essas mulheres, com suas crianças e muitos velhos, seguiram a mesma trajetória de López até San Fernando, de onde foram internadas ao norte do riacho Pykysyry. Segundo Decoud, metade dessa gente morreu nessa *via crucis*²⁵. A outra metade, agregada às populações de Ñeembucú e das vilas Franca, Oliva e Villeta, foi remetida, em dois grupos, a Caacupé, a fim de ser redistribuída nos departamentos vizinhos à Cordilheira. Evidentemente, essa peregrinação era incessante, já que estava submetida aos sucessos da guerra.

Para tentar manter o controle sobre o fluxo desses peregrinos, várias ordens foram expedidas e é absolutamente impossível sabermos qual sua eficácia. Em 18 de dezembro de 1868, por exemplo, o general Resquín emitia do acampamento de Pykysyry o seguinte despacho ao capitão Bernardo Amarilla:

De ordem suprema, despacho novecentas mulheres a cargo do alferes Ignacio Romero, com trinta de tropa armados, para escoltá-las até esse ponto, devendo V. fazer o mesmo até o cerro de Aruaí; dali a Paraguari e deste ponto, a Caacupé, do outro lado da Cordilheira para que o se-

²⁴ DECOUD, op. cit., p. 185.

²⁵ *Idem*, p. 186.

nhor chefe de dito partido de Caacupé, as faça acomodar nos partidos mais longínquos daquela parte da dita Cordilheira, a fim de que tenham lugar para fazer algumas plantações de feijão [...]”²⁶

Em outro despacho, no mesmo dia, Resquín enviava ao capitão comandante do departamento de Yuquyty e aos chefes de Paraguarí e Caacupé

outra porção de 640 mulheres de Villeta, 170 delas de diferentes distritos, para que, como a anterior, sejam escoltadas [...] desde Paso Yuquyty, com 30 homens de cavalaria bem armados a cargo de um oficial, de cujos pontos, marcharão à capela de Caacupé [...]”²⁷

Ainda segundo Decoud, as 500 mulheres que se encontravam sob o amparo das forças que cobriam as baterias de Angostura quando de sua rendição “e outras centenas mais, talvez mil”, que caíram em Tororó, Abay e Lomas Valentinas se viram obrigadas a agregarem-se aos exércitos aliados e seguir com estes até Asunción²⁸.

Levando em consideração que desde 1868 já não restava um único lugar no Paraguai onde se pudesse encontrar um homem apto para empunhar as armas, Decoud conclui que a população não combatente do país estava reduzida puramente ao sexo feminino, anciãos de oitenta e mais anos, crianças menores de onze a doze anos e deficientes físicos²⁹.

É nesse quadro de desolação que ocorre, finalmente, a 1º de março de 1870, a morte de López e rendição do que restava de seus soldados. Inicia-se, então, a etapa final da volta das sobreviventes aos seus locais de origem. Vamos acompanhar um pouco da trajetória das que voltaram a Asunción.

IV.

No começo de janeiro de 1869 os Aliados ocupam Asunción. Ao chegarem à capital paraguaia, os Aliados se instalaram nas casas e prédios públicos, abandonados desde fevereiro do ano anterior. Junto com eles chegavam também à capital, desgovernada e caótica, saques, incêndios, estupros e toda sorte de crimes. Além disso, devido à crença de que

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*, p. 187.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Ibidem*, p. 188-189.

a população, ao abandonar suas casas, havia enterrado seus tesouros, os soldados Aliados saquearam tudo que pudesse esconder os tais tesouros. Uma onda de escavações nas ruas, jardins e assoalhos das casas, violações de túmulos, em busca de riquezas escondidas ou enterradas tomou conta da cidade³⁰. Embora as especulações sobre tesouros enterrados fossem mero exagero, de qualquer forma foram extraídas de Asunción verdadeiras fortunas em mobiliário, jóias, utensílios domésticos, etc.

As poucas mulheres da cidade, em face das tropas de ocupação que, estima-se, chegaram a aproximadamente 30 mil soldados, eram presa fácil para um bando de homens embrutecidos pelos horrores da guerra e pela distância de casa cujos apetites sexuais não podiam ser dos mais moderados. Essa situação permaneceu desoladora ainda por muito tempo: uma sociedade de proporcionalmente muitas mulheres e praticamente nenhum homem. Em Asunción, toda a atividade informal estava entregue às mulheres:

As mulheres paraguaias [...], de todo tipo e cor, desde o tipo indígena ou negro até quase o puro espanhol, formam a maioria dos habitantes, e todo o comércio do interior é realizado por elas. Centenas de mulheres, cada uma levando na cabeça uma canastra com certas mercadorias comercializáveis, vegetais, ovos, leite, tabaco, ou pão à base de farinha de mandioca, chamado "chipa", se trasladam até Asunción desde as zonas circunvizinhas todas as manhãs, e ocupam as "plazas" abertas durante o dia, retornando a suas casas ao entardecer. A água potável da cidade se origina dos vários "pozos", a uma certa distância da zona urbana, e é trazida de manhã e à noite pelas mulheres, que andam em fila indiana indo e vindo, cada uma sustentando um grande cântaro sobre a cabeça³¹.

Ao mesmo tempo, no interior, em direção ao sudeste do país, prevaleciam as cidades fantasmas³². Nas áreas rurais, acreditava-se que havia 50 mulheres para cada homem, enquanto que em Asunción essa taxa era de, no mínimo, três para um.

Além disso, a chegada das tropas aliadas trouxe milhares de comerciantes, especuladores, artesãos e outros grupos vindos do sul da regi-

³⁰ Cf. WARREN, op. cit., p. 17-18.

³¹ JOHNSON, Keith. Recent Journeys in Paraguay. *Geographical Magazine*. London, 1875. Apud. KRAUER, Juan Carlos Herken. **El Paraguay rural entre 1869 y 1913**. Contribución a la historia económica regional del Plata. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1984. p. 176.

³² KRAUER, op. cit., p. 177-182.

ão platina, todos excitados com a possibilidade de tirar proveito da riqueza abandonada pelos paraguaios, alguns para se estabelecerem economicamente de forma estável³³. Asunción se encheu, em poucos dias, de uma enorme e confusa população, que falava em suas ruas todos os idiomas e dialetos ocidentais³⁴.

No entanto, era hora de retomar a vida normal. Mas será que isso era possível? Afinal, o Paraguai estava arrasado, reduzido a escombros, com a imensa maior parte da população masculina morta ou desaparecida. Talvez sim para os remanescentes das famílias mais abastadas. As mulheres sobreviventes dessas famílias, ainda que não desprezemos seus terríveis padecimentos nos campos de concentração, sempre tinham com quem contar: era sempre possível encontrar parentes e amigos entre os ex-exilados em Buenos Aires, entre os *pasados*³⁵ ou entre diplomatas e empresários que se beneficiaram com alguma imunidade, suborno ou fuga bem arquitetada.

Para as *kygua vera*, no entanto, a situação era bem mais difícil. Despojadas de seus parques bens e sem ter com quem contar, ainda se viam na situação de, sob a nova ordem, serem proibidas de retomar suas vidas pelos padrões de sua cultura - que chamo de guarani-paraguaia - que a nova ordem quer fazer desaparecer junto com os milhares de soldados mortos da guerra. Na época que se abre com o pós-guerra, se reedita a política herdada do governo Carlos Antonio, contra a língua guarani e tudo o que ela representa. Desta vez, e com acréscimos do pensamento liberal, o guarani é visto de novo como um problema para o desenvolvimento do Paraguai moderno: o castelhano é a civilização contra a barbárie do guarani³⁶, identificado com o atraso e, conseqüentemente, com Solano López.

Para essas mulheres, a interdição do guarani significava cortar um dos poucos laços que ainda restavam com uma cultura que nem o colonizador espanhol, nem as missões jesuíticas, nem tampouco as políticas de

³³ Cf. KRAUER, Juan Carlos Herken. La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de Los "Lincolnshire farmers" (1870-1873). *Revista Paraguaya de Sociología*, 18(52):37, Set.-Dez. 1981. Ver también DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. *Revista Paraguaya de Sociología*, 12(34):65-123, Set.-Dez. 1975.

³⁴ GODOI, Juan Silvano. *El Barón de Rio Branco. La muerte del Mariscal López. El concepto de la patria*. Asunción: Talleres Nacionales, 1912. p. 228.

³⁵ Na terminologia da guerra, os que desertavam, passando-se para o lado inimigo.

³⁶ MELIÀ, Bartolomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE, 1992p. 169-170.

uniformização do ditador Francia (1814-1840) e de Carlos Antonio López (1840-1862) conseguiram interditar.

Do ponto de vista da cultura, a história do Paraguai independente é a história da luta renhida, ainda hoje não concluída, entre os valores culturais espanhóis e os valores da cultura guaraníca, tendo, talvez, como principal suporte o guarani. Nessa luta, o próprio idioma, embora possa parecer paradoxal, foi amplamente utilizado como elemento desintegrador, principalmente através da sua sistematização, ainda no século XVI, pelos jesuítas das Missões.

Assim, fica claro que a destruição da cultura paraguaia não foi acidental, o que torna a trajetória dessas mulheres ainda mais fascinante. Embora oficialmente, os planos da Tríplice Aliança fossem derrubar “essa abominável ditadura de López e abrir ao comércio do mundo essa esplêndida e magnífica região que possui, talvez, os mais variados e preciosos produtos dos trópicos e rios navegáveis para explorá-los”³⁷, a verdade era que, segundo um dos líderes da guerra, Bartolomé Mitre,

Os soldados Aliados, e muito particularmente os argentinos, não foram ao Paraguai para derrubar uma tirania [...] e da mesma forma teríamos ido se em vez de um governo monstruoso e tirânico como o de López, houvéramos sido insultados por um governo mais liberal e civilizado³⁸.

O problema é que antes de consumada a vitória não se podia admitir tais razões, porque seriam injustificáveis:

Não se vai matar a tiros um povo, não se vai incendiar seus lares, não se vai regar de sangue seu território, dando por razão de tal guerra que se vai derrubar a tirania a despeito de **seus próprios filhos que a sustentam ou suportam** [...]. A filosofia, a humanidade, a moral desertariam de suas fileiras se tivéssemos ido matar paraguaios e destruir o Paraguai para **redimir um montão de ruínas e um grupo de viúvas e órfãos, cobrindo com a bandeira da liberdade o último cadáver do último sustentador da sua tirania**³⁹.

O que se queria era quebrar a espinha dorsal do Paraguai e, com ela, todo o atraso que a cultura guaraní, para eles, representava. Essa cul-

³⁷ Trecho de artigo do então presidente argentino Bartolomé Mitre para o jornal *La Nación*, a 3 de fevereiro de 1865, apud CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 104.

³⁸ *Idem*, p. 106.

³⁹ *Ibidem*. Grifos meus.

tura era identificada com a mesma matriz que propiciou a existência de Francia e dos López. Na verdade, o que ocorria era um ensaio que transformou o povo paraguaio em vítima propiciatória de correntes ideológicas no Prata, “o das ideologias em pugna no século XIX, ou seja, o conservadorismo e o liberalismo, tanto no aspecto cultural filosófico como no político”⁴⁰, no qual os paraguaios foram arrastados.

Em um artigo para *La Regeneración*, Adolfo Decoud expõe com clareza esses ideais, em uma declaração grandiloquente contra todo o passado do povo paraguaio:

Já se disse que nosso passado é o jesuitismo, o feudalismo da Idade Média, o terror, o fanatismo, os dogmas de ódio e o guarani, espantosa criação da ignorância, do retrocesso, digno de se aprenderido pelos apóstatas, que se serviam dele como inimigos de todo progresso e civilização [...]⁴¹

Em decreto de 7 de março de 1870, se ordenava aos chefes políticos do interior a criação de escolas primárias, mas devendo excluir-se a língua guarani, qualificada como uma aberração social⁴². A 20 de agosto, durante a sexta reunião da Convenção Nacional Constituinte, o deputado Pedro Recalde, por Paraguarí, apresentou uma moção para que se permitisse, pelo menos a alguns dos convencionais do interior, expressarem-se em guarani. A reação foi de escárnio:

Esta moção produziu entre os convencionais uma grande hilaridade e foi combatida energicamente pelos deputados Decoud [...], Godoi [...], Recalde [...], Machain [...] e Collar [...], que pediram não apenas que ela fosse rejeitada, mas também que fosse proibido terminantemente promover o assunto em futuras sessões. A Assembléia, por maioria das duas terceiras partes de seus membros, aprovou a rejeição, nos termos propostos⁴³.

⁴⁰ TJARKS, Germán. Nueva luz sobre la guerra de la Triple Alianza. **Revista de Historia** (Universidad de Costa Rica), (1):50, 1975.

⁴¹ *La Regeneración*, (1), 01/10/1869.

⁴² Cf. CARDOZO, Efraim, op. cit., *Tomo XIII: 1º de Octubre de 1869 a 1º de Marzo de 1870*. Asunción: EMASA, 1982. p. 10.

⁴³ ACTAS DE LA CONVENCION NACIONAL CONSTITUYENTE - Sesión sexta. Asunción, 20 de agosto de 1870.

Em suas memórias, Ramón Indalecio Cardozo (1873-1943), considerado como um dos mais importantes pedagogos do Paraguai, contava, sobre o uso do guarani na época de sua educação primária:

A palmatória continuava exercendo seu senhorio. [...] Como instrumento de disciplina se usava uns vales de madeira, porém o vale não era de abono mas de castigo para aquele em cujo poder se encontrasse. Era para perseguir aos que falassem em **guarani**, que estava proibido terminantemente. Se alguém estava de posse do sinistro valezinho e ouvia seu companheiro falar em guarani, no ato passava o vale para ele. Deste modo, o possuidor do indesejável adminículo se convertia em espião de seus companheiros e amigos do doce idioma nativo para obsequiá-lo com o presente. O professor inspecionava a turma e castigava o portador⁴⁴.

É interessante notar que a política da delação aplicada às salas de aula do novo regime em nada difere da que era aplicada por Solano López em San Fernando, motivo de veemente condenação dos líderes do pós-guerra como exemplo de tirania e barbárie. Aliás, trinta e quatro anos depois, quando já estava consolidada a chamada “Segunda República” paraguaia, o coronel José C. Meza, então chefe de polícia, proibia o uso do *poncho ñemonde* pelos homens e do cigarro *poguasú* pelas mulheres, símbolos típicos da cultura paraguaia. O édito também vedava ao pessoal da administração pública e aos soldados a utilização do idioma guarani⁴⁵.

Essa identificação do guarani com o despotismo e o atraso cultural significa, segundo Branislava Susnik, desconhecer consciente ou premeditadamente a formação nacional do povo e um presunçoso “dirigismo” de um pequeno núcleo da elite da tradicional “oposição” burguesa⁴⁶. No entanto, seja como for, o Paraguai como que ressurgiu das cinzas. E, apesar de todas as transformações - tenham sido elas impostas pelas tropas de ocupação da Tríplice Aliança, pelos “regeneradores” ou pelas próprias condições econômicas, sociais e culturais decorrentes da guerra -, o país recuperou várias das principais características de sua cultura, eminentemente indígena, inclusive com o idioma guarani, que ainda hoje é falado pela maioria da população do país. E é nas mulheres, afinal, as

⁴⁴ CARDOZO, Ramón Indalecio. *Mi vida de ciudadano y maestro*. Asunción: El Lector, 1991. p. 9. O destaque é do autor.

⁴⁵ Cf. HERMOSILLA, Ida Beatriz Genes. *Actitudes hacia el idioma guaraní. Ñemity*, (3):9, 1978.

⁴⁶ Cf. SUSNIK, op. cit., p. 65.

sobreviventes por excelência, que creio se poder buscar as raízes desse ressurgimento.

Historicamente, a mulher paraguaia sempre foi depositária privilegiada da tradição cultural e do que foi possível preservar da língua guarani, corrompida e adulterada pelo colonizador - ainda que não espontaneamente mas, ao contrário, muitas vezes dada a opressão à qual foi submetida. Ainda no século XVII, segundo várias testemunhas, mesmo entre os espanhóis esse “novo” guarani era a língua comum. Entre as mulheres, sequer havia quem falasse o castelhano:

Em uma ou outra cidade a maioria sabe castelhano mas nas vilas e em todos os povoados do interior, chácaras e estâncias não se fala nem se sabe - especialmente entre as mulheres - mais que esta língua tão corrompida [...] ⁴⁷. Na jurisdição do Paraguai, onde há uns 20 mil habitantes de sangue espanhol, não se usa comumente outra língua que esta [o guarani], ainda que mal, com muitos solecismos e barbarismos. Das mulheres, poucas há que saibam o castelhano e os varões o sabem muito mal: e este pouco que sabem é porque nas escolas [...] os obrigam a aprender na base do açoite... ⁴⁸

Ao iniciar-se o século XIX tal situação ainda se mantinha:

As mulheres quase invariavelmente falam com dificuldade e a contragosto [o espanhol], preferindo em muito o idioma guarani, no qual são mui eloqüentes ⁴⁹. Os decretos e leis do governo são publicados em espanhol, que se usa também para dar ordens no exército e é ensinado nas escolas, às quais todos os meninos do país devem ir forçosamente [mas não as mulheres], até que aprendam a ler e a escrever. Mas depois de deixar a escola, quiçá nunca mais o escutem, pois não têm livros para ler; há muito pouco papel para escrever de vez em quando, com exceção

⁴⁷ CARDIEL, José. *Declaración de la verdad*. Buenos Aires: s. ed., (1758) 1900, apud MELIÀ, op. cit., p. 59.

⁴⁸ *José Cardiel y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires: Guillermo Furlong, 1953, apud MELIÀ, op. cit., p. 59.

⁴⁹ MORÍNGIO, Marcos Augusto. Para la historia del español en la Argentina. Las cartas guaraníes del general Belgrano. In: ACTAS DE LA QUINTA ASAMBLEA INTER-UNIVERSITARIA DE FILOLOGÍA Y LITERATURAS HISPÁNICAS. Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1968. p. 202.

de assinarem os nomes e, geralmente, antes de completarem 21 anos, já esqueceram tudo o que aprenderam na escola⁵⁰.

Observando tais evidências, Bartolomeu Melià⁵¹ afirma, com segurança, que até a guerra de 1865-1870 o Paraguai era um país onde o guarani era a única língua, como fato social nacional e que nem mesmo os mestiços eram bilíngües. Com a guerra, a política de Solano López vai no sentido de conferir ao guarani o estatuto de língua de unidade nacional. Incentiva-se a literatura, particularmente a de combate, em guarani, associando-a à essência, à beleza e ao valor paraguaios. Com o fim da guerra, é nesse interior difícil, de dor e isolamento, que a mulher paraguaia (que chora a morte de um ente querido, quase sempre um pai, irmão ou marido e, dada a necessidade de sobrevivência, em muitos casos obrigada a casar-se com um estrangeiro) se move. Silenciosa no espaço público; falante e preceptora no espaço privado.

Mas não podemos vê-la apenas como mãe exemplar que na paz cuida do lar, educa seus filhos e colabora com o homem em seus múltiplos labores e na guerra consola; permanece serena e firme nas horas de provação e de luta, e é sempre companheira leal que põe todo seu fervor na formação dos filhos, como ainda se vê em trabalhos de historiadores tradicionais. Embora apenas no começo deste século se possa dizer que as mulheres paraguaias irromperam da cotidianidade da rotina doméstica para o cenário da sociedade e começaram a dar os primeiros passos na conquista dos espaços públicos, reservados até então exclusivamente aos homens⁵², seu papel foi fundamental na reconstrução do Paraguai destruído pela guerra. É evidentemente que o espaço que pertencia às mulheres paraguaias em nada diferente de outras mulheres, no que toca à relação entre os gêneros no mundo ocidental. Era o da casa, de preferência a cozinha e a cama. Mas no Paraguai, derrotado mas “livre da tirania” do “Napoleão do Prata”, as mulheres, as do povo principalmente, reconstruíram a cultura, a identidade e o uso do idioma guarani.

Valeria a pena, então, perguntar: nesse processo, qual é realmente o papel da mulher? Aqui não parece ter muito sentido fazermos uma dis-

⁵⁰ Relato do viajante José Graham, de 1846, apud NAGY, Arturo & PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *Paraguay, imagen romántica, 1811-1853*. Asunción: Editorial del Centenario, p. 138-139.

⁵¹ Cf. MELIÀ, op. cit., p. 164-165.

⁵² MONTE, Mary. *Las fuentes de la alquimia*. In: BAREIRO, Line, SOTO, Clyde & MONTE, Mary. *Alquimistas: documentos para otra historia de las mujeres*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993. p. 27.

tinção rígida entre as “filhas de Asunción”, organizadoras da assembléia de 24 de fevereiro de 1867, e as *kygua vera*. No entanto, ainda que acomodadas ao seu papel de “ser resignado e tenaz; humilde e resgatando sempre dignidade da resignação; despossuída e no entanto transbordando doação”⁵³, as primeiras certamente contaram com meios de minimizar a desgraça que se abateu sobre as mulheres paraguaias em geral: não são poucos os relatos que falam de casamentos entre viúvas de líderes da guerra e oficiais das forças vitoriosas; daquelas que emigraram, acompanhando pais, irmãos ou maridos sobreviventes da guerra e para os quais não havia mais espaço na vida pública paraguaia; das que ocuparam postos de destaque no ensino público e outras atividades da vida pública reservadas à mulher. As *kygua vera*, no entanto, salvo exceções, permanecem, quando possível, em Asunción, movimentando a engrenagem das atividades “menores” que permitiram a cidade, em reconstrução, voltar a funcionar. Muitas são empurradas para o interior, provavelmente em busca do reencontro com sua cultura, suas identidades.

É essa experiência da mulher paraguaia do pós-guerra, que tenta equilibrar-se entre os valores ocidentais do liberalismo imposto e os valores culturais guaranis, que orienta este trabalho. Busca que, de resto, também os homens experimentaram, sejam eles sobreviventes da guerra, novos colonos atraídos pelas possibilidades criadas pelo caos resultante do conflito, oriundos ou não das forças de ocupação. No entanto, estamos falando de um país que sai da guerra com um terrível superávit populacional feminino e em que, apesar disso, são os homens os que reconstroem a vida pública, os que se encarregam de dar sentido ao novo Estado nacional paraguaio. Os valores desse trabalho de reconstrução - até porque tutelados - não são, certamente, os da cultura guarani.

A catástrofe demográfica que se abateu sobre o país provocou a destruição da estrutura familiar. Devido às penúrias da guerra e do pós-guerra, tinham que reagrupar-se muitos novos núcleos familiares. Os homens sobreviventes, muitos velhos, mutilados e meninos, desconfiavam apaticamente de uma “nova pátria”, em que já não havia uma ordem pautada na produção - costume desde a época de Francia -, sentindo-se a população abandonada pelo “governo-autoridade”. Nem *La Regeneración*, nem a *Voz del Pueblo*, nem os liberais, nem tampouco os conservadores falavam o guarani sócio-cultural do campesinato para estimular sua reafirmação patriótica. Aliás, como já vimos, o movimento era contrá-

⁵³ ZARZA, op. cit. p. 11.

rio... A produção agrícola de subsistência pesava, desde o final do século XVIII, sobre a mulher. Havia nisso também um fator psicossocial importante, indicado já no jornal *La Reforma*:

nos tempos dos governos despóticos e tirânicos [...] o homem sempre foi considerado como um instrumento do governo, ou do Estado, como se dizia: nunca podiam trabalhar tranqüilamente, ou estavam em armas no serviço militar ou nas obras públicas, onde nunca era pago ou ganhava pouco [...]⁵⁴.

A mulher, ao contrário, era quem trabalhava para a subsistência, por isso, segundo o jornal:

a mulher sempre foi livre no Paraguai, precisamente por seu sexo, e isto lhe deu essa espécie de superioridade sobre o homem [...]⁵⁵.

A nova “classe cidadã”, com poder sobre os empregos públicos, formada, em sua maioria, pelos ex-emigrados da oposição e pelos “ilustrados” e generais lopistas sobreviventes da guerra, proclamavam, agiam e decretavam as medidas de controle e de ajuda social, mas sem falar ou compreender a linguagem psicossocial tradicional da massa popular. Seu objetivo era “regenerar” o povo com uma “nova” instrução, em sua essência também impositiva, proibindo-se o uso do guarani e negando-lhe o que tinha de mais caro⁵⁶.

Nesse terreno pantanoso se moveram as mulheres, *as kygua vera*, de quem falo neste trabalho.

ABSTRACT

From the midst of 1868, the war between Paraguay and the Triple Alliance, among Brazil, Argentina and Uruguay, begun in 1865, took a new course. Real and imaginary reasons forced Francisco Solano López, the Paraguayan Presidente and commander-in-chief of its army to fly off its capital, Asunción, to the North in order to get rid of the slow though steady occupation of the Paraguayan territory by the Allies. Meanwhile, began hunting his “betrayers”, those who didn’t want to support his crazy decision of going on with the war anymore. Due to that, Paraguayan women faced a terrible exodus: in one hand, there were

⁵⁴ *La Reforma*, 29/07/1879.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ As discussões dos dois últimos parágrafos foram baseadas em SUSNIK, op. cit., p. 68 e 136-137.

the *traidoras* (betrayers), who were convicted for having any relative or friend considered as a political guilty. Those who weren't shot to death after having suffered all kinds of torture and shame became *destinadas* (destined) and were sent to the North, where a concentration camp was created for them. On the other hand, there were the *residentas* (residents), who had any relative in the troops or simply used to live by the villages at the countryside where the Paraguayan troops passed by. These ones were condemned by the circumstances to follow the army towards the North. This article is a study of that *via crucis* of *destinadas* and *residentas*, and its consequences.

Key words: War of Paraguay, women, paraguayan language and identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACTAS DE LA CONVENCION NACIONAL CONSTITUYENTE - Sesión sexta. Asunción, 20 de agosto de 1870.
2. ACTAS DE LA QUINTA ASAMBLEA INTERUNIVERSITARIA DE FILOGÍA Y LITERATURAS HISPÁNICAS. Argentina: Universidad Nacional del Sur, 1968.
3. ALCALÁ, Guido Rodríguez (comp.). *Residentas, destinadas y traidoras*. Asunción: RP Ediciones/Criterio, 1991.
4. BAREIRO, Line, SOTO, Clyde & MONTE, Mary. *Alquimistas: documentos para otra historia de las mujeres*. Asunción: Centro de Documentación y Estudios, 1993.
5. CARDOZO, Efraim. Hace 100 años: crónicas de la guerra del 1864-1870, in "**La Tribuna**" de Asunción en el centenario de la **Epopeya Nacional**. Tomo VIII: 1º de Enero de 1868 a 31 de Mayo de 1868. Asunción: EMASA, 1976.
6. CARDOZO, Ramón Indalecio. *Mi vida de ciudadano y maestro*. Asunción: El Lector, 1991.
7. CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memorias, reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires/Asunción: s.ed., 1894(?). v. 3.
8. CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 104.
9. DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra*. Una década de vida nacional 1869-1880. Asunción: s.ed., 1925. p. 188.

10. DRACHENBERG, Lyra Pidoux de. Inmigración y colonización en el Paraguay 1870-1970. **Revista Paraguaya de Sociología**, 12(34):65-123, Set.-Dez. 1975.
11. GODOI, Juan Silvano. **El Barón de Rio Branco. La muerte del Mariscal López. El concepto de la patria**. Asunción: Talleres Nacionales, 1912.
12. HERMOSILLA, Ida Beatriz Genes. *Actitudes hacia el idioma guaraní. Ñemity*, (3):9, 1978
13. KRAUER, Juan Carlos Herken. **El Paraguay rural entre 1869 y 1913**. Contribución a la historia económica regional del Plata. Asunción: Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, 1984.
14. KRAUER, Juan Carlos Herken. La inmigración en el Paraguay de posguerra: el caso de Los "Lincolnshire farmers" (1870-1873). **Revista Paraguaya de Sociología**, 18(52):37, Set.-Dez. 1981.
15. MASTERMAN, George Frederick. **Seven eventful years in Paraguay: a narrative of personal experience amongst the Paraguayans**. London: S. Low, 1869.
16. MELIÀ, Bartolomeu. *La lengua guaraní del Paraguay*. Madrid: MAPFRE, 1992
17. NAGY, Arturo & PÉREZ-MARICEVICH, Francisco. *Paraguay, imagen romántica, 1811-1853*. Asunción: Editorial del Centenario.
18. SUSNIK, Branislava. **Una visión socio-antropológica del Paraguay del siglo XIX. Parte I^a**. Asunción: Museo Etnográfico "Andres Barbero", 1992.
19. TJARKS, Germán. Nueva luz sobre la guerra de la Triple Alianza. **Revista de Historia** (Universidad de Costa Rica), (1):50, 1975.
20. VILLAMIL, Manuel Peña & QUEVEDO, Roberto (orgs.). *Silvia*. Asunción: Criterio, 1987.
21. WARREN, Harris Gaylord. **Paraguay and the Triple Alliance**. The Postwar Decade, 1869-1878. Austin: University of Texas, 1978.
22. WHASBURN, Charles A. **The history of Paraguay**, with notes of personal observations, and reminiscences of diplomacy under difficulties. London/Boston: Lee & Shepard, 1871, v. 1.
23. ZARZA, Idalia Flores G. de. *La mujer paraguaya, protagonista de la historia (1537-1870)*. Asunción: El Lector, 1987.

